



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE PALMAS
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

SONIA REGINA CARVALHO SILVA

**A ATUALIDADE DA TEORIA DA LINGUAGEM CHOMSKIANA E O
APRENDIZADO LINGUISTICO DE CRIANÇAS DE 2 A 5 ANOS**

PALMAS / TO
2020.



SONIA REGINA CARVALHO SILVA

**A ATUALIDADE DA TEORIA DA LINGUAGEM
CHOMSKIANA E O APRENDIZADO LINGUISTICO DE
CRIANÇAS DE 2 A 5 ANOS**

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Palmas, Curso de Filosofia para obtenção do título de Bacharelado e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Orientadora: Dra Suely Figueiredo.
Coorientador<a>: <Titulação> <Nome>

**Palmas/TO
2020**

<https://sistemas.uft.edu.br/ficha/>

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins.**

B214j Silva, Sonia Regina Carvalho.
Filosofia no século XXI. / Sonia Regina Carvalho Silva – Palmas
TO, 2019.
40 f.

Monografia Graduação – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de
Palmas – Curso de Filosofia. 2019.
Orientadora: Dra. Suely Figueiredo.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial de qualquer forma ou por
qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor
(Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica d UFT com os dados
fornecidos pelo (a) autor (a).**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE PALMAS
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

TERMO DE APROVAÇÃO


A ATUALIDADE DA TEORIA DA LINGUAGEM CHOMSKIANA E O APRENDIZADO
LINGUISTICO DE CRIANÇAS DE 2 A 5 ANOS

SONIA REGINA CARVALHO SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito
parcial para obtenção do título de Graduado no Curso de
Licenciatura em Filosofia, da Universidade Federal do
Tocantins.

BANCA

Orientador Presidente


Prof.ª Suelly Mara Ribeiro Figueiredo


Prof.ª Juliano Santana


Prof.ª Raquel Castilho Souza

Palmas

28 de outubro 2020

*DEDICO ESTE AOS MEUS PAIS E
MEUS IRMÃOS, AGRADECENDO
SEMPRE PELO APOIO DE TODOS NA
MINHA JORNADA.*

AGRADECIMENTOS

À Deus em primeiro lugar, aos meus pais Reginaldo Gonçalves da Silva, Elissonia Dias Carvalho Silva, meus irmãos, Rodrigo Fernandes Carvalho Silva e Artemísia Carvalho Silva, meu namorado Rubens Aires Luz, esta monografia é a prova de que todo esforço e dedicação valeram a pena na realização de mais um sonho.

À Professora orientadora, Suely Figueiredo, com quem compartilhei minhas dúvidas a respeito. Admiro muito como pessoa e profissional!

À Universidade Federal do Tocantins e a todos os professores que contribuíram para a minha formação.

Aos meus amigos queridos e grandes companheiros de jornada, Aline Aquino, Barbara Hevanny, Cilmara Alves de Aguiar, John Maycon, Michele Silva Costa Sousa, Veronica Pereira e (in memoriam) Amanda Gabrielly Silva Rodrigues.

RESUMO

O presente trabalho busca considerar a atualidade da teoria da linguagem de Chomsky (2002), a partir de pesquisas e análise do desenvolvimento da linguagem em crianças na pré-escola, entre 2 aos 5 anos de idade. Em um primeiro momento, faremos uma catalogação de livros para mostrar o percurso ao chegar no seu problema principal, há regra que em todos os domínios sociais, e existem dificuldades de explica-las gramaticalmente. Em contraponto, o pensamento de Terrence Deacon, ao afirmar em sua teoria que a linguagem é um fenômeno de interface interior-exterior, se fundamenta em disposições cognitivas com especificidades e com alto investimento no aprendizado. Para este autor, o nascimento da linguagem é conjunta ao da consciência reflexiva na primeira organização da sociedade. Em sequência sobre Chomsky, crê-se que a busca pela relevância do criador da Gramática gerativa transformacional é uma das mais relevantes correntes teóricas da linguística contemporâneas, e busca-se um novo olhar nesses estudos ao analisar como esta gramática funciona em suas disposições práticas.

Palavras-Chaves: Gramatica Gerativa. Deacon, Chomsky.

ABSTRACT

The present work seeks to consider the relevance of Chomsky's language theory (2002), based on research and analysis of language development in preschool children, between 2 and 5 years of age. At first, we will do a cataloging of books to show the route when you get to your main problem, there is a rule that in all social domains, and there are difficulties in explaining them grammatically. In contrast, Terrence Deacon's thought, when stating in his theory that language is a phenomenon of interior-exterior interface, is based on cognitive dispositions with specificities and with high investment in learning. For this author, the birth of language is combined with that of reflective consciousness in the first organization of society. In sequence about Chomsky, it is believed that the search for the relevance of the creator of transformational generative grammar is one of the most relevant theoretical currents of contemporary linguistics, and a new look is sought in these studies when analyzing how this grammar works in its practical dispositions

Keywords: Generative grammar. Deacon, Chomsky.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	08
1.1 Sobre a Metodologia.....	10
2. CAPÍTULO 1	12
2.1 Sobre Noam Chomsky.....	12
2.2 Sobre a sintaxe ou gramática gerativa.....	14
2.3 Chomsky, Deacon e Pinker, um debate contemporâneo.....	17
3. CAPÍTULO 2	
3.1 Teorias de Chomsky aplicadas na prática	23
3.2 Atualidade das teorias de Chomsky.....	25
3.3 Sobre a gramática gerativa.....	27
3.4 O instinto da linguagem de Pinker	31
3.5 As críticas de Deacon.....	33
4. CONCLUSÃO	39
REFERÊNCIAS	48

1 - INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca considerar a atualidade da teoria da linguagem de Chomsky (2002), a partir de pesquisas e análise do desenvolvimento da linguagem em crianças na pré-escola, entre 2 aos 5 anos de idade.

A linguagem da criança sempre desafiou as investigações mais singulares, seja entre pesquisadores/estudiosos ou entre leigos, sobre o tema. E, seja esta de modo imperfeito, ou seja, de um ser inacabado, ou de quaisquer outros, como os resultados vistos pela família, a escola, os grupos próximos (comunidades, etc.). enfim, a realidade é que, historicamente esses estudos são dispersos, mas sempre constantes, e têm sido documentados através dos tempos e assim nos aproximado.

A linguagem, com certeza está entre um dos mais relevantes fatores para explicação das capacidades do ser humano e como nossos antepassados chegaram até nós. Frequentemente nos defrontamos com questões referentes à linguagem, e, ao fazer análises desses elementos, vê-se como esta tem influencia direta na capacidade simbólica, capacidade do uso de signos simbólicos, aqueles que não têm referências materializadas na natureza e que somente existem nas mentes humanas.

Deacon¹, em sua teoria, diz que a linguagem é um fenômeno de interface interior-exterior que fundamenta-se em disposições cognitivas com especificidades e com alto investimento no aprendizado. Para este autor, o nascimento da linguagem é conjunta ao da consciência reflexiva na primeira organização da sociedade. Defende o autor, nesse sentido, que, linguagem simbólica, subjetividade intencional e valores sociais são

¹ **Terrence William Deacon:** (1950). Antropólogo biologista e cientista cognitivo da Universidade de Berkeley. Os interesses teóricos do Prof. Deacon incluem o estudo de processos semelhantes à evolução em vários níveis, incluindo seu papel no desenvolvimento embrionário, processamento de sinais neurais, mudança de linguagem, processos sociais e foco principalmente em como esses diferentes processos interagem e dependem um do outro. Ele afirmou há muito tempo interesse em desenvolver uma semiótica científica (particularmente a biossemiótica) que contribuísse para a teoria linguística e a neurociência cognitiva. [1]. **Fonte:** https://en.wikipedia.org/wiki/Terrence_Deacon (traduzido pela autora).

manifestações que conjuntamente evoluíram numa espécie de ‘confusão mental’ – embaralhamento – depois de inaugurar uma capacidade simbólica resultante do funcionamento cerebral do *Homo habilis*².

A teoria da linguagem de Chomsky desenvolve uma crítica ao estruturalismo, corrente que concebe a linguagem como algo que se aprende por imitação. Uma teoria behaviorista, fundada na crença de que, em última instância, diz que o ser humano não tem nada de inato, ou seja, tudo é aprendido por um complexo tipo de adestramento. O maior articulador dessa teoria foi Skinner (1904 – 1990), psicólogo americano, conhecido pela descrição de mecanismos de controle de ações humanas por estímulos e respostas.

Chomsky, logicamente, refuta a ideia de adestramento. A sua crença é na criatividade humana. O seu pensamento é que a linguagem é uma capacidade humana, natural, inscrita no DNA.

Por conseguinte, como dito acima, a linguagem é o motivo biológico de ter-se o fato de no mundo apenas o ser humano ser responsável pelo pensamento e linguagem. A partir da teoria chomskiana, principalmente com o estudo de sua obra “Novos Horizontes no Estudo da Linguagem e da Mente” (2002), escrito cinquenta anos após sua teoria da linguagem inata, analisar-se-á neste como acontece a linguagem nas fases iniciais das crianças.

Desse modo, ao optar pelo trabalho desse autor, crê-se que a busca pela relevância do criador da Gramática gerativa transformacional, uma das mais relevantes correntes teóricas da linguística contemporâneas, e vai-se também buscar um novo olhar nesses estudos.

Apresentamos assim, no primeiro capítulo, as teorias da linguagem de Chomsky: onde a linguagem, uma forma de reconhecimento, é abordada no gerativismo pela via do inatismo. Segundo Augusto (1995), a proposta de Chomsky é mentalista, no sentido em

² **Homo habilis** - Espécie da evolução humana já extinta, pertencente a classe dos hominídeos, considerada o primeiro ser humano propriamente dito. Esta espécie deriva da evolução do *australopithecus* e tem este nome porque foi o primeiro hominídeo a manifestar a habilidade de manipular utensílios. **Fonte:** <https://www.significados.com.br/homo-habilis/>

quem vê o conhecimento como uma sequência de representações e processos mentais, ou seja, o homem tem acesso direto ao mundo, mas esse acesso é mediado por operações mentais (p. 116).

No segundo capítulo, exploramos as teorias de Chomsky aplicadas na prática: ou exemplos colhidos na observação das crianças na creche de como elas se apropriam da linguagem. Como Kenedy (2016) nos explica, a sintaxe gerativa estabeleceu-se como parte de um novo paradigma na linguística que se opunha ao então dominante estruturalismo, e segue o mesmo:

Os mais influentes estruturalistas como o europeu Ferdinand de Saussure e o norte-americano Leonard Bloomfield, assumiam a premissa de que as ciências da linguagem tinham a função precípua de descrever as relações entre os elementos básicos de um sistema linguístico – os seus signos (morfemas, palavras) e as suas unidades distintivas (fonemas). Chomsky reconhecia a importância do descritivismo estruturalista, mas, para ele, a linguística deveria assumir uma tarefa básica e fundamental: explicar o caráter gerativo das línguas naturais (KENEDY, 2016, p. 06).

Compartilhamos, em nossa fundamentação teórica, da análise do cognitivismo naturalista chomskiano para o qual a linguística se instaura no interior das ciências naturais com seu caráter biologizante, explícito na forma como as crianças aprendem e utilizam a linguagem e a gramática

Ao final, corroboramos a ideia de que as teorias de Chomsky mantêm-se atuais, e que, apesar das colaborações e críticas de Deacon e Pinker, muito da prática do aprendizado da linguagem na primeira infância afina-se a uma capacidade do ser humano de utilizar linguagem simbólica, capacidade esta exclusiva de nossa espécie e, por isso, pelo menos parcialmente articulada a nossa genética de *Homo sapiens*.

1.1 Sobre a metodologia

A metodologia, no sentido estrito, é a disciplina que se ocupa dos métodos, e o método é o conjunto de meios dispostos convenientemente para alcançar um objetivo, especialmente um conhecimento científico. Consequente, para realização do trabalho, a iniciativa primeira foi a seleção e catalogação dos trabalhos de Chomsky e de outros autores sobre o mesmo, além de textos/estudos sobre linguística relacionados ao tema.

Nesse sentido, utilizamos o trabalho de Deacon, apresentado em “Mente e Linguagem em Terrence Deacon” (2017), de Figueiredo, e o de Pinker, em “O instinto da

linguagem” (2002), pois seus argumentos recaem na atualidade da teoria genética da linguagem. Lembrando que, como livro de base de Chomsky, optamos por utilizar “Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente”(2002), onde Chomsky assevera sua base teórica da linguagem inata apresentada há 50 anos, dando elementos importantes de como essas características se mostram.

Por tratar de um trabalho exploratório buscando proporcionar maior familiaridade com o problema de pesquisa, ao se restringir pela definição de objetivos e buscar mais informações sobre um determinado assunto/estudo, e procurando mais informações, vê-se em Chomsky um linguista contemporâneo cujo trabalho sobre a sintaxe gerativa, ou a gramática gerativa, é uma das mais influentes abordagens a respeito da gramática das línguas humanas, segundo Kenedy (2016).

Em síntese, percebeu-se que a criança não usa a linguagem apenas por repetição. Como explicar melhor o fenômeno? Kenedy (2016) diz do seguinte modo:

Sua inserção (o gerativismo) entre as ciências cognitivas faz com que a Linguística Gerativa possua uma grande rede de conceitos relativos à natureza da linguagem na cognição da espécie humana, os quais nem sempre estão explicitamente em análise quando fazemos Sintaxe Gerativa a respeito de um fenômeno morfossintático particular (KENEDY, 2016, P. 08).

E o autor explica o porquê perceber nas crianças como essa prática gerativista se dá em relação ao aspecto cognitivista e epistemológico do mesmo: “isso quer dizer que noções como *inatismo, modularidade, pobreza de estímulos, gramática universal, faculdade da linguagem em sentido amplo e restrito*, etc. podem não ter uma relação imediata e explícita como o fazer mais pontual da Sintaxe Gerativa” (p. 08).

Aqui reside toda a problematização, onde a gramática de Chomsky tem seu escopo, tem sua razão de evidência, práticas, *modus operandi*, em sala. Assim, em todos os domínios sociais, há regras que determinam as ações que ali são realizadas. O que Chomsky explica como funciona: “... Não é o estudo da linguagem que dita a definição de uma abordagem científica; mas, de fato, tal estudo constitui um modelo ao qual podemos nos referir a fim de abordar a natureza do conhecimento humano”. Chomsky, (2002). E prossegue o mesmo:

No caso da linguagem, deve explicar como um indivíduo, a partir de dados muito limitados, desenvolve um saber extremamente rico: a criança imersa numa comunidade linguística, confronta-se com um conjunto muito limitado de frases, na maioria das vezes imperfeitas, inacabadas, etc.; entretanto, ela chega, num

tempo relativamente curto a “construir”, a interiorizar a gramática de sua língua, a desenvolver um saber bastante complexo, e quase não pode ser induzido só dos dados de sua experiência. (COMSKY, 2002, p 69).

2 CAPÍTULO 1

2.1 Sobre Noam Chomsky

Avram Noam Chomsky (1928) é um linguista, filósofo, ativista, autor e analista político estadunidense que nasceu na Filadélfia. Foi introduzido na linguística por seu pai, especializado em linguística histórica hebraica. Estudou na Universidade da Pensilvânia, onde se tornou doutor, em 1955, com uma tese sobre a análise transformacional, elaborada a partir das teorias de Z. Harris, de quem foi discípulo. Assim, tornou-se professor do renomado MIT (Massachusetts Institute of Technology), a partir de 1961.

Entre suas muitas realizações, o mais famoso foi seu trabalho com a gramática generativa, objeto de interesse da lógica moderna e de fundações matemáticas. Chomsky tornou-se conhecido como um dos fundadores principais da *transformational-generative grammar* (gramática transformadora-generativa), um sistema da análise linguística que desafiou a linguística tradicional, e tem relação com filosofia, lógica e psicolinguística. O seu livro *Syntactic Structures* (1957), um resumo de sua tese, revolucionou a linguística.

Nesse sentido, Pacievitch (2019) resume da seguinte forma a teoria de Chomsky:

Este método permite basear a identidade estrutural profunda entre frases superficialmente diferentes, como acontece com a voz ativa e a voz passiva de uma frase. No nível profundo, a pessoa possui um conhecimento tácito da estruturas fundamentais da gramática, que Chomsky considerou, em grande medida, inato. Baseado na dificuldade de explicar a competência adquirida pelos falantes nativos de determinado idioma a partir da experiência deficitária recebida de seus pais, considerou que a única forma de entender o aprendizado de uma língua era postular uma série de estruturas gramaticais inatas (já nascidas com o indivíduo), as quais seriam comuns, portanto, a toda humanidade (p. 01).

Assim, Frazão (2018) sugere que, na teoria de Chomsky, toda declaração humana tem duas estruturas: ‘estrutura de superfície’, a superficial combinando com as palavras, e a ‘estrutura funda’ que são regras e mecanismos universais. E prossegue a mesma:

Em termos mais práticos, a teoria discute que os meios para adquirir uma língua é inata em todos os seres humanos e são provocados tão logo uma criança começa a aprender os princípios básicos de uma língua. Chomsky é professor a mais de 40 anos. Foi nomeado para a Cátedra de Língua Modernas e Linguística Ferrari P. Ward (p. 01).

Uma explicação sobre a gramática generativa é descrita por Brandão (2019): Chomsky visualizou a gramática como transformacional, no sentido em que cada um pode

criar um número infinito de frases a partir de uma base de diretrizes gramaticais e de um vocabulário finito.

2.2 Sobre a sintaxe ou gramática gerativa.

A diferença conceitual entre sintaxe e gramática é que gramática é o conjunto de princípios que governam o funcionamento de uma língua, é uma teoria que estuda esses princípios; já a sintaxe é a parte da gramática de uma língua que constitui um conjunto de regras combinatórias entre as formas livres ou palavras para compor os diversos níveis de construção linguística com o intuito de comunicação; é a aplicação dessas regras no uso da língua. Desse modo a gramática pode ser:

- a) Gramática Normativa: aquela que busca a padronização da língua, estabelecendo as normas do falar e escrever corretamente, e costuma a ser utilizada em sala de aula e em livros didáticos;
- b) Gramática Descritiva: se ocupa da descrição dos fatos da língua, com o objetivo de investigá-los e não de estabelecer o que é certo ou errado, e dá ênfase o uso oral da língua e suas variações;
- c) Gramática Histórica: estuda a origem e a evolução de uma língua;
- d) Gramática Comparativa: se dedica ao estudo comparado de uma família de línguas. O Português, por exemplo, faz parte da Gramática Comparativa das línguas românicas.

Assim, é sobre a gramática descritiva que está se tratando. Em *Syntactic Structures* (1957), Chomsky a denomina gramática gerativa, contrariando a visão behaviorista do psicólogo B. F. Skinner, que juntava a aprendizagem verbal e gramática à aprendizagem comportamental, aprendizagem essa envolvida pelo condicionamento e por demais métodos de apreensão.

Para a compreensão sobre esse método, a explicação de Brandão (2019) é esclarecedora:

Numa forma esquemática de perceber a gramática, o norte-americano construiu uma hierarquia, que fragmenta em quatro níveis. A nivelção estrutura-se de 0 a 3, sendo o 0 o mais flexível em regras e o 3 o mais estruturado. O nível 0 corresponde à gramática com estruturas de frase, não havendo

quaisquer limitações a obstar à sua afirmação e conceção. O nível 1 diz respeito às gramáticas sensíveis ao contexto, estas que descrevem a sintaxe de uma linguagem natural que desencadeie a necessidade de ponderar a utilização de um certo elemento por via do contexto existente. O nível seguinte concerne às gramáticas livres de contextos, onde se apresentam as estruturas das frases e palavras em linguagem natural e que representa a forma normal de Chomsky. Por fim, o nível 3 aponta às gramáticas regulares, onde as análises passa a ser léxica, i.e. inclui o estudo da palavra e das produções individuais. Os últimos dois níveis são usados com frequência no campo da programação e das ciências da computação.

E o autor ainda nos situa:

Estas propostas foram ressaltadas em 1995 através do livro “*The Minimalist Program*”, onde o linguista menciona uma parte inata que reside na posição humana e que permite a aprendizagem de uma língua, parte similar àquela que qualquer idioma possui para sua tradução num pendor comunicacional acessível a todos. Esta universalidade permite alcançar a proposta de uma gramática universal, na qual existe um grupo de normal que orientam a formulação de toda e qualquer língua natural existente (p. 02).

Nos diálogos com Mitsou Ronat, (1977), confere-se a questão do encontro entre matemática e linguística, onde Ronat questiona Chomsky sobre a gramática gerativa ter nascido de um encontro da Matemática e da Linguística: “O Senhor poderia precisar as condições de tal nascimento?”.

Chomsky responde distinguindo duas questões: a primeira está ligada a um problema já evocado: como caracterizar de modo explícito o saber linguístico?

Ocorre que uma caracterização explícita deve ser uma teoria formalizada. A observação estende-se à aquisição da linguagem. As explicações só existirão na medida em que os princípios gerais formalizados; a partir daí poder-se-á construir uma argumentação dedutiva que conduza a fenômenos a ser explicados. Uma certa matematização estava assim prevista no programa total, mas matematização pouco sofisticada, capaz simplesmente de exprimir princípios e regras precisas dentro de um sistema formalizado. Ocorre que a maneira de “falar precisamente” passa pela formalização, mas não seria justo considerar isso como Matemática. (Chomsky, 1977, p. 116).

Em relação à ligação com a Matemática, para Chomsky, quando uma área torna-se suficientemente avançada, você pode começar a fazer perguntas baseadas em princípios sobre ela, seus fundamentos, o que nem em todas as ciências é feito com frequência. Na maioria das ciências, incluindo a matemática, você faz o melhor que pode em condições difíceis. Mesmo na matemática, até cerca de um século e meio atrás, as pessoas estavam

fazendo um trabalho extremamente avançado com sistemas que eles sabiam que possuíam contradições internas.

Os sistemas não funcionavam, mas eles continuavam sendo usados, porque não havia nada melhor. Portanto, fazer perguntas realmente baseadas em princípios é um tanto raro e talvez prematuro. Tenho a impressão, juntamente com algumas outras pessoas (não diria que é consensual), de que agora é uma boa hora para fazer isso. Você pode começar a fazer essas perguntas em linguística e você pode aprender muito com elas, embora não estejamos nem um pouco perto de poder dar respostas razoáveis. Novamente, isso tem um efeito positivo, disciplinar. Quando você olha para as descrições das coisas que acontecem, com extração dos sujeitos, percebe que, algumas vezes elas são tão complicadas quanto os fenômenos em si. São chamadas de teorias, mas não são teorias verdadeiramente explicativas porque não se baseiam em princípios independentemente justificados (CHOMSKY, 1997, p. 177).

Parte do texto acima faz parte da entrevista em que os professores Dilinger e Palácio (1997) fizeram a Chomsky quando em visita ao Brasil sobre a teoria da linguística gerativa. E, historicamente, Dilinger e Palácio explicam que, quanto à gramática gerativa, [...], é extremamente enganoso iniciar com *Syntactic Structures*:

Nos anos 50 não havia linguística deste tipo; aparentemente não existia. Contudo, ela realmente tem uma tradição que se iniciou há 2500 anos com a gramática de Panini, mas que foi completamente esquecida. Este tipo de trabalho ressurgiu no século 17, 18 e 19, mas também foi esquecido juntamente com linguistas do século 20 como Otto Jespersen³ que em certo sentido, foi a última pessoa que veio desta tradição (DILINGER e PALÁCIO, 1997. p. 15).

³ **Jens Otto Harry Jespersen** – (1860 – 1943). Linguista dinamarquês nascido em Randers, cuja renovação do ensino da língua e a teoria do progresso da linguagem rumo à simplificação constituíram suas contribuições máximas à linguística. Interessado pelo estudo das línguas, concluiu seus estudos de francês na Universidade de Copenhague (1886) e publicou um artigo sobre as leis fonéticas em que ressaltava a íntima relação entre som e significado, uma das ideias principais de sua teoria linguística. Professor de inglês (1893-1925) na Universidade de Copenhague, investigou os problemas inerentes ao ensino dos idiomas e elaborou sua famosa teoria do progresso da linguagem, registrada em obras como *Growth and Structure of the English Language* (1905). Em *Sprogundervisning* (1901), uma obra sobre o ensino da língua inglesa, expôs uma revolucionária concepção didática, que ressaltava a importância da aprendizagem da linguagem cotidiana. Foi um dos foneticistas envolvidos na fundação da associação Internacional Phonetics Alphabet (1886) que visava padronizar internacionalmente os sistemas de transcrição fonética e, juntamente com o foneticista Paul Passy (1859-1940), no movimento que aplicou a fonética no ensino de idiomas. **Fonte:** <http://biografias.netsaber.com.br/biografia-2473/biografia-de-jens-otto-harry-jespersen/>

2.3 Chomsky, Deacon e Pinker, um debate contemporâneo

Entre outras questões, Deacon (1997) quer demonstrar – e o faz – qual é a natureza da linguagem e porque ela é uma distinção que concede caráter único à nossa espécie. A travessia de “Rubicão”⁴, como diz o autor. Ou seja, a linguagem humana, simbólica, e o crescimento e aperfeiçoamento cognitivo do cérebro humano, do qual emergiu a consciência simbólica, o insight simbólico, teriam sido impostos pelo início do uso da comunicação simbólica por nossos ancestrais, há cerca de 2,8 milhões de anos. Ou melhor, o significado de referência simbólica será “a maneira como as palavras se referem as coisas”, como quer o autor. Para Nunes e Galvão (2006) Deacon critica as teorias chamadas pelos biólogos de “*hopeful monsters*” (algo como “monstros esperançosos”, grifo nosso). Propostas sem levar em consideração o processo evolutivo, que são veiculadas como explicações para natureza da linguagem (p. 02). Daí “nossos confrontos”, E seguem:

O maior exemplo seria o linguista Noam Chomsky e sua “Gramática Universal”. Para explicar a habilidade das crianças em adquirir a gramática da primeira língua e dos adultos em usá-la sem dificuldade, teríamos que assumir que existe um órgão linguístico universal. A noção de Pinker, de que o “instinto da linguagem com a seleção natural” tenta dar uma coerência evolutiva para a capacidade linguística humana, mas fica muito aquém de considerar as pressões evolutivas, tratando apenas da linguagem humana como ela é hoje. Essas explicações, segundo Deacon, ignoram muitas questões sobre a origem, a relação entre função e estrutura da linguagem e se constituem em explicações circulares do problema, colocando como explicação justamente o problema. A pergunta: “Como evoluiu a linguagem?” é transferida para pergunta: “Como evoluiu o instinto da linguagem?” (NUNES e GALVÃO, 2006, p. 03).

O que Deacon e Pinker conflitam com Chomsky, Deacon considerando a linguagem um fenômeno de interface que nunca pode ser reduzido à genética e Pinker estendendo a

⁴ **Travessia do Rubicão** - O rio Rubicão é um pequeno curso de água do nordeste da península Itálica. Seu nome foi utilizado para designar um curso de água na Itália Setentrional, que corria para o mar Adriático. Era considerado como limite do sul da Província da Gália Cisalpina e do território da cidade de Roma. No direito romano, no período da República, era proibido que qualquer general romano de o atravessar com suas tropas. Tal medida visava impedir que os generais manobrassem grandes contingentes de tropas no núcleo do Império Romano, evitando riscos à estabilidade do poder central. Caio Júlio César foi um patrício, líder militar e político romano, realizou uma ampla reorganização política e administrativa de Roma e do império romano. No dia 10 de janeiro de 49 a.C., o general Júlio César estava com um grande dilema, se atravessava ou não o Rio Rubicão, a decisão tomada seria classificada como radical, visto que estaria afrontando uma lei romana que vedava a travessia do rio por qualquer legião do exército romano. (Fonte: <https://olivire.com.br/atravessar-o-rubicao>)

noção de linguagem inata a um instinto desenvolvido evolutivamente, não invalidam a contribuição mais polêmica de nosso autor, a de que parte da linguagem, a parte racional que todos compartilham, essa necessidade de usar linguagem simbólica presente espontaneamente em todos os grupos humanos tem uma base genética.

Já que a proposta de Chomsky é inspirada no racionalismo e na tradição lógica dos estudos da linguagem, o estudo se dá exclusivamente na sintaxe, e assim este organizou um nível autônomo e central para explicar a linguagem, a função de sua gramática não é utilizar-se de regras, mas abranger todas e apenas as frases gramaticais, ou as que fazem parte da língua. Ao criar frases, permite-se, de um número reduzido de normas, gerar um número infinito de sequências inéditas.

Dessa maneira, para o autor, é tarefa da linguística a descrição e competência da pessoa falante. Chomsky expõe tal competência como uma capacidade inata que o indivíduo tem de produzir, compreender e identificar a composição de todas as expressões (frases) de sua língua. Ele admite que tal competência pode não ser totalmente inata, mas insiste neste componente genético por identificá-lo como pertencente à nossa espécie.

A linguagem humana está baseada numa propriedade elementar que parece também ser biologicamente isolada: a propriedade da infinitude discreta, que, em sua forma mais pura, é exibida pelos números naturais 1, 2, 3...

As crianças não aprendem esta propriedade; se a mente não possuísse já de antemão os princípios básicos, não haveria quantidade de evidencia capaz de provê-los. Do mesmo modo, nenhuma criança precisa aprender que existem frases com três palavras e frases com quatro palavras mas não com três palavras e meia, e que esse numero pode ir aumentando sem ter fim; é sempre possível construir uma frase mais complexa, com uma forma e um sentido definidos. Tal conhecimento nos chega necessariamente “originário da mão da natureza”, nas palavras de David Hume, como parte de nossa dotação biológica (CHOMSKY, 1997, p. 03).

Sobre a faculdade da linguagem, o autor percebe-a como um órgão linguístico, ou melhor, como órgão do corpo, alegando que um órgão é um subsistema que é parte de uma estrutura mais complexa. E segue nesse sentido:

Assumimos ainda que o órgão da linguagem é como os outros órgãos no sentido de que seu caráter fundamental é uma expressão do gens. De que maneira se dá isto é uma pergunta que permanece sendo um projeto de investigação a longo prazo, porém, por outros meios, podemos investigar o “estado inicial” geneticamente determinado. Evidentemente, cada língua é o resultado da

interação de dois fatores: o estado inicial e o curso da experiência. Podemos conceber o estado inicial como um “mecanismo de aquisição de linguagem” que recebe como dados (*input*⁵) a experiência, e fornece como saída (*output*) a língua, esta que constitui um objeto internamente representado na mente/cérebro (CHOMSKY, 1997, p. 04).

O que nesse sentido, Pinker (2004) vai em defesa de Chomsky sobre os aspectos da linguagem como instinto, quando este chamou atenção para dois fatos fundamentais sobre a linguagem. Em primeiro lugar, cada frase que uma pessoa enuncia ou compreende é virtualmente uma nova combinação de palavras, que aparece pela primeira vez na história do universo. Pinker ainda segue nesse pensamento:

[...] Uma língua não pode ser um repertório de respostas; o cérebro deve conter uma receita ou programa que consegue construir um conjunto ilimitado de frases a partir de uma lista finita de palavras. Esse programa pode ser denominado de gramática mental (que não deve ser confundida com “gramáticas” pedagógicas ou estilísticas, que são apenas guias para a elegância da prosa escrita). O segundo fato fundamental é que as crianças envolvem essas gramáticas complexas rapidamente e sem qualquer instrução formal e, à medida que crescem, dão interpretações coerentes a novas construções de frases que elas nunca escutaram antes. [...] as crianças têm de estar equipadas de modo inato com um plano comum às gramáticas de todas as línguas, uma Gramática Universal, que lhes diz como extrair os padrões sintáticos da fala de seus pais (PINKER, 2004, p. 15).

E Pinker (2004) apud Chomsky (1997) confere:

Um fato curioso sobre a história intelectual dos últimos séculos é que o desenvolvimento físico e mental foi abordado de várias maneiras diferentes. Ninguém levaria a sério a afirmação de que o organismo humano aprende pela experiência a ter braços em vez de asas, ou de que a estrutura básica de determinados órgãos resulta da experiência acidental. Ao contrário, considera-se indiscutível que a estrutura física do organismo é geneticamente determinada, embora é claro, variações como tamanho. Velocidade de desenvolvimento etc. depende em parte de fatores externos... (CHOMSKY, 1997, p. 17).

Diga-se então que, nessa defesa, Pinker (2004) diz que, através de polidas análises técnicas de frases que indivíduos têm como sua língua materna, Chomsky e outros linguistas desenvolveram teorias das gramáticas mentais, que se submetem ao conhecimento que esses indivíduos têm de certas línguas, e da Gramática Universal, que

⁵ **Input** - [Linguística] Conjunto das informações que alguém assimila ao ouvir uma língua no momento em que ela está sendo utilizada. **Output** é a ação ou efeito de produzir, de dar origem a; produção. **Fonte:** <https://www.dicio.com.br/input/>

subjaz a determinadas gramáticas. E, nesse contexto, o autor explica sobre a gramática universal, e assim o diz na ciência da linguagem:

As questões básicas sobre o que é específico na linguagem realmente têm a ver com problemas que vão além dos que dizem respeito à adequação explanatória, isto é, que vão além de ter de enfrentar o Problema de Platão, ou de ter de explicar os fatos acerca da pobreza de estímulo na aquisição da linguagem. Assim, se você consegue dizer; “Eis a Gramática Universal (GU), forneça experiência linguística a ela e você obterá uma Língua I, esse seria um começo para a Biologia da linguagem, mas seria apenas um começo”. (C). E o próximo passo seria precisamente responder à pergunta que fizemos antes: por que o GU possui as propriedades que possui? Essa é a questão básica. Bem, uma possibilidade é que simplesmente uma coisa aconteceu depois da outra – um conjunto de acidentes históricos, asteroides a terra, ou seja lá o que for. Nesse caso, trata-se de algo essencialmente inexplicável; não tem suas raízes na natureza, mas em acidentes e na história. Mas há outra possibilidade, que é razoável, dado o que sabemos sobre a evolução humana. Parece que o sistema de linguagem evoluiu muito repentinamente (CHOMSKY, 1997, p. 45).

O autor conclui que, se isso é verdade, um longo processo de acidentes históricos está excluído, e podemos começar a olhar para uma explicação em algum outro lugar, talvez, como Turing⁶ imaginou, na Química ou Física. (p. 45).

Em outro sentido, o que Deacon propõe é outra ideia em relação natureza da linguagem, ou o instinto de linguagem, da origem e evolução da mesma. Ou seja, sua pesquisa neurobiológica está focada em determinar a natureza da divergência humana em relação à anatomia típica do cérebro dos primatas, vide site *anthropology*. E segue:

Os mecanismos celulares-moleculares que produzem essa diferença e as correlações entre essas diferenças anatômicas e habilidades cognitivas humanas especiais, particularmente a linguagem. Na busca dessas perguntas ele usou uma variedade de abordagens laboratoriais, incluindo o rastreamento de conexões axonais⁷, análise quantitativa de regiões de diferentes cérebros de espécies e transplante neural fetal entre espécies. O objetivo é identificar elementos dos mecanismos genéticos do desenvolvimento que distinguem o cérebro humano de outros cérebros dos macacos, para ajudar no estudo das consequências cognitivas da evolução do cérebro humano. (site: *anthropology*, acessado em 10 de agosto de 2019).

Esta pesquisa está descrita no seu livro *The Symbolic Species: The Coevolution of Language and the Brain*, (As espécies simbólicas: a co-evolução da linguagem e do

⁶ **Allan Turing.** Alan Mathison Turing (1912-1954), foi um matemático britânico, pioneiro da computação e considerado o pai da ciência computacional e da inteligência artificial. **Fonte:** https://www.ebiografia.com/alan_turing/

⁷ Axonais – referente a axônio: prolongamento da célula nervosa por onde transmite o influxo nervoso. (**Fonte:** Borba, 2011, p. 147)

cérebro). Deacon nos explica que a expressão Espécie simbólica (*The Symbolic Species*) captura essa noção de que somos uma espécie que em parte foi moldada por símbolos. Portanto, nosso cérebro será muito diferente em alguns aspectos do que o cérebro de outras espécies, de maneira que signos simbólicos são exclusivamente humanos.

Deacon nos explica que a linguagem é dividida de acordo com a lógica que tem a ver com comunicação, tem a ver com símbolos, tem a ver com as restrições que temos em interagir, talvez com os sons de fala, talvez com os gestos. A lógica do cérebro – estruturadora da racionalidade - é uma lógica muito antiga e muito conservada. É a lógica da embriologia. É a lógica da auto-organização.

A linguagem não é cartesiana. O diálogo proposto por Figueiredo (2017) sugere que o autor, ao se referir às teorias que compreendem a linguagem apenas como meio de comunicar as ideias, as considera suspeitas sob o argumento de que, sem a linguagem, não haveria pensamento, razão nem consciência (p. 17). Logo, não poderiam existir ideias anteriores à linguagem:

Nas teorias do significado enquanto imagem mental, a noção do significado das palavras é criada quando a percepção sonora de uma palavra falada é associada tanto à percepção de um objeto quanto ao armazenamento na mente de uma forma de imagem mental deste mesmo objeto. Nesse modo simples de visão do senso comum, reunir palavra numa sentença conduz o ouvinte a trazer à mente as respectivas imagens. (Figueiredo, 2017, p. 17 apud Deacon, 2011).

Sobre o sistema de suporte que está relacionado à linguagem, o sistema simbólico Deacon admite que nossa comunicação é muito mais do que linguística. Os rituais, as mitologias são simplesmente maneiras de organizar simbolicamente, isto é, uma característica da nossa espécie. Segundo o autor, transformamos e até reinterpretemos grande parte de nossa biologia por meio desse sistema simbólico. Muito do que fazemos, seja casamento, guerra ou qualquer outra coisa, foi transformado por essa ferramenta que, de certa forma, assumiu e influenciou todas as nossas interações com o mundo.

Deacon diz que claramente que o aparecimento da linguagem teve que envolver muito menos vocalização, porque os cérebros que nos precederam não eram adequados para organizar o som em sequências precisas, discretas e produzidas rapidamente. Para ele, o que era a linguagem no passado - ou o que corresponde à linguagem homologicamente, como dizem na biologia -, os homólogos da linguagem podem nos parecer muito diferentes. Não seria um idioma necessariamente, mas uma combinação muito complicada de

modalidades. Isso torna muito difícil prever quais poderiam ter sido esses efeitos e como esses efeitos foram sobrepostos para produzir novos tipos de idiomas, novos tipos de cérebros. Nesse sentido, o autor afirma que uma das coisas que acha realmente empolgante nas línguas é esse aspecto de como elas mudam reflexivamente a maneira como pensamos.

3 CAPITULO 2

3.1 Teorias de Chomsky aplicadas na prática

Com o termo ‘teorias de Chomsky’ referimo-nos a sua filosofia da linguagem e aos fundamentos da atividade mental, além de sua gramática universal ou gerativa. Lyons diz que, em geral, define-se linguística como a ciência da linguagem. A palavra ‘ciência’ é aqui crucial e, na nossa discussão no trabalho de Chomsky.

Em sua ciência da linguagem, ou ciência linguística, Chomsky identifica as características da linguagem humana que a distinguem dos sistemas de comunicação usados pelas outras espécies. Quando na discussão sobre sistemas de comunicação das abelhas, por exemplo, e da evolução da linguagem humana, Chomsky argumenta, sobre a evolução da linguagem humana, que há uma biblioteca inteira de estudos, enquanto sobre a evolução da comunicação das abelhas há uns poucos manuais e artigos técnicos. E é um tópico muito mais fácil de ser estudado.

A evolução da linguagem humana está condenada a ser um dos tópicos mais difíceis de ser totalmente compreendido. Ainda assim, de algum modo, sentimos que temos que entendê-la, ou não poderemos ir adiante.

Em defesa do inatismo e dos processos de aprendizagem que reconhece, Chomsky afirma que

[...] Há uma vasta literatura que argumenta contra isso, e não há nenhuma que defenda a tese. De modo que o que o debate é um pouco engraçado, já que é unilateral. Muitas pessoas rejeitam a proposição de que a linguagem é inata, mas ninguém as replica. A razão pela qual ninguém as replica é que os argumentos não fazem sentido, portanto, não há jeito de contestá-las. Dizer que “a linguagem não é inata”, é dizer que não há nenhuma diferença entre minha neta, uma pedra e uma lebre. Em outras palavras, se você pega um apedra, uma lebre e a minha neta e as coloca numa comunidade em que se fala inglês, as três vão aprender inglês. Se as pessoas acreditam nisso, então acreditam que a linguagem não é inata. Se elas acreditam que há diferença entre a minha neta, uma pedra e uma lebre, então acreditam que a linguagem é inata. Assim, as pessoas que propõem que algo passível de debate no pressuposto de que a linguagem é inata só podem estar confusas. Tão profundamente confusas que não há meio de replicar seus argumentos. Não tenho nenhuma dúvida que a linguagem é uma faculdade inata (CHOMSKY, 2008, p. 67).

Para ele, dizer que a linguagem é inata é expressar a crença de que alguma natureza interna crucial e pertinente diferencia a minha neta de pedras, abelhas, gatos e chimpanzés. Chomsky teoriza justamente sobre o que é essa natureza interna. Ao ser questionado sobre se animais têm ou não um dispositivo da linguagem e por que não são capazes de usar uma língua, Chomsky responde

Eu disse que isso é uma possibilidade, uma possibilidade teórica, não há nada que saibamos sobre o mundo natural que nos diga que é falso que macacos efetivamente tenham uma faculdade de linguagem, mas não tenham acesso a ela. Isso é possível, mas não há nenhuma razão para acreditar nessa possibilidade. Algum dia, talvez descubramos que ela é verdadeira, mas ninguém espera por isso. É mais provável que os macacos não tenham uma faculdade de linguagem. De um jeito ou de outro, isso é um tanto difícil de elucidar. Não há explicação para a maioria das propriedades complexas dos organismos. As pessoas falam de evolução darwinista e de coisas desse tipo, mas isso não nos dá nenhuma resposta para além das questões simples. E não apenas no caso de coisas como a linguagem. Considerem organismos biológicos como um vírus, organismos bastante simples que têm certas propriedades estruturais bastante simples que têm certas estruturas na forma de conchas poliédricas. Atribuir isso à “seleção natural” seria um equívoco (CHOMSKY, 2008, p. 66).

Chomsky dedica-se a explicar as faculdades da linguagem humana e algumas das perspectivas que permitem avaliar aquilo que é a mente e a sua relação com a linguística. Nas palavras de Brandão

A mente cognitiva como algo que contem estados, crenças, dúvidas, valores muito vários, opondo-se à postura de Skinner, que incluía esses elementos como causas finais do comportamento. No que toca à aprendizagem plena da linguagem, a mente possui uma capacidade inata e bastante desenvolvida de aprender um ou mais linguagens, que se apoia na modularidade. Isto consiste numa relação entre subsistemas mentais que interagem entre si e que suscitam fluxos de comunicação e favorece a aprendizagem do idioma por parte do ser humano. Neste ponto, acaba por ir de encontro ao trabalho e às investigações do neurocientista português António Damásio⁸, embora retratem temáticas diferentes nas suas gêneses (BRANDÃO, 2019, p. 08).

Nesse sentido, o autor põe em questão a perspectiva pós-estruturalista onde Foucault é um dos mais importantes nomes do século XX, esta linha de pensamento demonstra a realidade como a construção social apontada de modo a um subjetivismo, consentindo interpretações em unidade do ponto de vista linguístico de configuração uniforme e fazendo distinções indubitáveis ao significativo do que é significado em absoluto (ou, em si). O que o próprio Brandão (2019) explica:

Noam Chomsky entrou em conflito com esta visão, envolvendo-se nesta dialética sobre a filosofia da linguagem. Assim, reivindica o papel da mente na aprendizagem e na estruturação daquilo que é realidade, aludindo também ao

⁸ **António Damásio:** O que é consciência? Como o cérebro processa a memória, a linguagem, a emoção e as nossas próprias decisões? António Damásio ficou conhecido como o cientista que trouxe essas questões para o dia-a-dia, explorando os enigmas científicos numa linguagem acessível e criativa, em livros como "O Erro de Descartes" e "O Mistério da Consciência". Damásio é membro da Academia Americana de Artes e Ciências e de diversas instituições científicas americanas e europeias. Também faz parte do conselho editorial de dezenas de revistas de ciências, como "*Learning and Memory*", "*European Neurology*" e "*Brain and Cognition*". Por sua atuação no campo das ciências cognitivas, recebeu diversos prêmios. **Fonte:** <https://educacao.uol.com.br/biografias/antonio-damasio.htm>

papel individual de cada no que toca ao desenvolvimento e apreensão da linguagem. Naquilo que é a semiótica, as ideias do norte-americano colocam a tónica na sintaxe como tradutor de significados e de símbolos de um idioma, tanto no computo frásico como nas relações estabelecidas entre os diferentes integrantes do mesmo. A referencia, como base da pirâmide de aprendizagem de uma língua, acaba por ser a interiorização da sua estrutura (l-linguagem), que formula desde logo um conjunto de parâmetros capaz de gerar novas gramáticas, ao mesmo tempo em que todos os idiomas assentam no mesmo sustento estrutural (BRANDÃO, 2019, p. 08).

Ou seja, para Chomsky todos os idiomas inscrevem-se na mesma base em sua composição.

3.2 Atualidade das teorias de Chomsky

A atualidade da teoria da linguagem de Noam Chomsky, embora alguns teóricos exponham ideias contrárias, pode ser atestada pelo fato de ela ainda permanecer viva no cenário do debate filosófico e linguístico. Apesar de 50 anos de constextações e refinamentos, não podemos negar que, pelo menos em parte, a linguagem humana depende da genética humana.

O interesse por estudar os fatos da linguagem é muito antigo. Inicia-se na tradição hindu e passa pelas escolas grega e romana, pela Idade Média, pelo Renascimento, até chegar ao século XIX fortalecida pelo viés da Linguística geral de Saussure. Antes do *Curso de Linguística Geral*, os estudos dos fenômenos linguísticos, embora tenham sido importantes, tiveram motivações externas à própria língua.

A descrição da linguagem era sempre histórico-cultural, diacrônica, e os registros escritos eram considerados o ponto alto do estudo do idioma. Estudos comparativos de linguística, a partir da descoberta do sânscrito e de suas semelhanças com outras línguas, ganha uma nova especificidade. Só nessa época a linguagem passa ser objeto de estudo em si mesma.

Assim, a relevância de Saussure deve-se ao feito de ter determinado um objeto de estudos para a linguística e o seu pensamento ter ocasionado uma revolução, um novo paradigma aos estudos da linguagem. Sobre tal momento, Parreira (2017) diz que a linguística trabalha com mudanças, com a diacronia, e, em seguimento, a língua é percebida

como um sistema em que um elemento se define pela relação com outros elementos do sistema, ou seja, pela sincronia.

Até que Chomsky, nos fins dos anos 50, introduz uma opção teórica radical, rejeita as origens estabelecidas da linguagem, teoriza sobre um ingrediente genético da linguagem, sobre um órgão sistêmico da fala, sobre processos de aprendizagem que excluem a repetição mimética e reivindicam a criatividade, a capacidade de construção e de inovação dos falantes.

Quando Chomsky propõe um estudo da sintaxe das línguas naturais e, também, que a língua seja compreendida como um objeto mental, como prosseguimento do citado acima, diferencia-se da proposta de tradição, que vê a língua como um objeto social. Chomsky afirma que a língua humana é um sistema de princípios radicados na mente humana. Explica-nos Parreira:

Em 1957, portanto inicia-se uma mudança no panorama linguístico da época, marcada pelo estudo sistemático da sintaxe das línguas naturais e pela visão da língua como objeto mental. Essa nova proposta afasta-se do que havia elaborado por Saussure, que entendia a língua como um objeto social (dito acima, grifo nosso). No entanto, aproxima-se dele porque seu interesse é a *langue* e não a *parole*⁹. Chomsky (1957) trata a língua como um sistema de princípios da mente humana que tem um módulo linguístico responsável por formar e interpretar expressões linguísticas. Esse módulo e os princípios que o formam são inatos. Eles são universais tendo em vista que a criança, independentemente de sua nacionalidade, já nasce com os mesmos princípios linguísticos de seus pais, que são o estágio inicial de aquisição da língua. Tanto ele quanto seus seguidores têm interesse pelo estudo do conhecimento linguístico que o ser humano tem de sua língua materna e não pela língua em uso (PARREIRA, 2017, p. 103).

Muitas pesquisas foram desenvolvidas para compreender o funcionamento da linguagem, sucederam-se muitas polêmicas no decorrer do século XX, os mais variados pontos de vista foram sugeridos e muitos destes contraditados. Por este caminho, na metade do século passado, o embate com o estudo de Skinner, *Comportamento Verbal*, editado em 1957, foi um dos mais significativos. Skinner concluíra que as crianças aprendem a falar, ou a desenvolver a linguagem, da mesma maneira que os pombos conseguem a dar bicadas em sua comida. Igualmente aos ratos, com suas capacidades de aprender artifícios, as crianças também conseguem aprender qualquer sentença, ou expressão pela dinâmica de

⁹ **Langue e não a Parole:** a linguagem não a palavra (tradução livre)

inputs e outputs que troca com o meio. Acreditava o mesmo que tudo poderia alcançado no ser humano somente através da ação/retribuição (da recompensa), e que usar certas sentenças em certas condições tratava-se apenas de consolidar hábitos ambicionados.

Para Skinner, a linguagem é adquirida assim. Logo, os pais e professores têm o dever de dialogar com suas crianças, de lhes fornecer as mais variadas trocas, de lhes dar informações e explicações necessárias para o domínio da língua. Já em oposição a essa compreensão, Chomsky e seus linguísticas colaboradores consentem que a linguagem advém de gramática mental inata, e não de uma conduta exclusiva de aprendizagem. Esta Já em *Estruturas Sintáticas*, de 1957, Chomsky elabora sua dura crítica ao pensamento de Skinner.

Ele nos chama a atenção para as propriedades da sentença que os falantes e os ouvintes conhecem por intuição, não por aprendizagem. Nas palavras de Parreira

Segundo o pesquisador, os seres humanos possuem regras que permitem a eles distinguir as frases gramaticais e perceber as relações que existem entre as palavras e entre as sentenças. Seu objetivo explícito de estudar a sintaxe e a convicção de que vários domínios da mente (tal como a linguagem) operam em termos de regras ou princípios é o principal desafio à ciência cognitiva contemporânea. Para Chomsky (1957), era preciso entender que tipo de sistema é a linguagem e expor as conclusões em termos de um sistema formal. Assim, seriam postuladas regras que pudessem explicar a produção de qualquer sentença gramatical, sem gerar sentenças agramaticais. (PARREIRA, 2017, p. 102).

Isso significa que Chomsky passa a examinar a sintaxe da língua em termos da lógica subentendida

3.3 Sobre a Gramática Gerativa.

Ainda segundo Parreira (2017), em *Aspectos da Teoria da Sintaxe* (1965), Chomsky destaca que um dos objetivos da teoria gerativa é investigar o conhecimento do falante nativo a partir da dicotomia entre competência e *performance*. Ou seja, como competência, compreende-se a capacidade e a aptidão de fala, e, como performance, compreende-se a atuação/desempenho do falante, não necessariamente suas aptidões. Nessa obra Chomsky define como competência o conhecimento que o falante-ouvinte possui da estratégia e desempenho como o uso concreto que ele faz da língua, mas o considera uma realização imperfeita oriunda de fatores físicos e psicológicos.

Ele afirma que a linguagem fornece instruções para os sistemas de desempenho, e faz o questionamento: como ela o faz? Ela o faz na forma daquilo que se chama de ‘expressões linguísticas’. Então, explica:

Cada expressão linguística é um conjunto de propriedades. Na terminologia técnica, diz-se que a língua gera um conjunto infinito de expressões, por isso a teoria de uma língua é chamada de “gramática gerativa”. Comumente se pressupõe que os sistemas de desempenho se enquadram em apenas duas categorias que acessam dois tipos de informação: *grosso modo*: som e sentido. Temos certos tipos de representações de som e certos tipos de representações de sentido. Esse pressuposto remonta a centenas de anos, mas agora temos que torná-lo mais explícito (CHOMSKY, 2008, págs. 23-24).

Sendo assim, as representações de som são acessadas pelos sistemas sensorio-motores, e as representações de sentido usam as informações e as expressões para falar sobre o mundo, para fazer perguntas, expressar pensamentos e sentimentos e assim por diante: o autor está se referindo aos desempenhos da gramática gerativa.

Para Chomsky, o estado inicial da faculdade da linguagem em todas as crianças é uniforme e se constitui de princípios linguísticos determinados biologicamente, que podem ser rígidos e invariáveis ou abertos,

Os princípios denominados abertos são chamados de parâmetros, definidos pela língua e que a criança é exposta em um determinado ambiente linguístico. Cabe ao linguístico descrever a competência do falante, que, de acordo com o ponto de vista apresentado, é capaz de produzir infinitas frases em sua língua. O modelo distribucional e o modelo de constituintes imediatos da linguística estruturalista não eram aptos a descrever frases ainda não realizadas. Nesse sentido, a teoria chomskyana possibilita descrever o que é conhecido e que seja também capaz de explicar e de compreender a capacidade que o sujeito falante tem de produzir frases inéditas, Chomsky propõe uma abordagem de estudos dos fundamentos biológicos da linguagem (PARREIRA, 2017, p. 103).

É incontestável que a gramática gerativa, ou transformacional, contribuiu para que houvesse uma mudança de foco teórico e metodológico da linguística do século XX. Sua proposta teórica estabelece a distinção entre competência e desempenho, como já apresentado antes. Nesse sentido, pode-se afirmar que a competência linguística é o conhecimento linguístico ilimitado que os falantes de uma língua têm, motivo que os torna capazes de criar, reconhecer enunciados e identificar erros de desempenho. Segundo Chomsky, a análise linguística deve descrever as regras que governam a estrutura dessa competência.

A gramática gerativa é analisada por três ângulos ou ponto de visão: sintaxe, semântica e fonologia. O componente sintático é o sistema de regras que define a formação das frases. Assim,

O componente semântico é o sistema das regras que definem a interpretação das frases. O componente fonológico ou fonético é um sistema de regras que formam as frases a partir de uma sequência de sons. A gramática gerativa pretende apresentar para cada uma destas análises alguns traços e conceitos que possam nos ajudar a analisar as frases gramaticais a partir da teoria gerativista: análise fonológica: para a fonologia fornece uma teoria fonética universal que permite estabelecer a lista dos traços fonéticos e as listas das combinações possíveis desses traços. Análise semântica: fornece uma teoria semântica universal suscetível de estabelecer a lista dos conceitos possíveis, construindo uma matriz universal de traços semânticos. Análise sintática: enfim, a teoria gerativa fornece uma teoria sintática universal, isto é, estabelece uma lista das relações gramaticais capazes de dar uma descrição estrutural de todas as frases (ARAÚJO, 2018, p. 01).

Cruz demonstra como isso acontece através dos exemplos:

1. O homem é casado;
2. Os homens são casados;
3. Alguns homens são casados; e
4. Três homens são casados.

Ele explica:

Nessas quatro sentenças, o conhecimento pressuposto em matemática para montar um modelo é o da teoria dos conjuntos. Na sentença (1), a intersecção entre o conjunto de homens e o conjunto dos casados tem que ser igual a um. Na sentença (2) essa mesma intersecção deve ser maior ou igual a dois. Em (3), a intersecção entre os conjuntos de homens e o dos casados tem de ser maior que um. Finalmente, na sentença (4), essa intersecção é igual a três. [...] as relações complexas entre estrutura sintática e seu significado expressos em termos matemáticos básicos pode ser um foco da investigação linguística e pode também formar um modo de acessar o “tamanho” do conhecimento do aluno de um determinado aspecto (CRUZ, 2003, p. 04).

Isso nos permite observar que o programa de Chomsky mantém um relacionamento estreito com a matemática, é a própria estrutura da matemática que nos leva a saber sobre números e operações. Pode-se notar – e relacionar – que é tal como a língua funciona. Chomsky considera que é útil para os professores entender como a língua funciona, exatamente como um professor de natação deve saber algo sobre fisiologia.

Em *Arquitetura da linguagem*, Chomsky oferece a seguinte demonstração da configuração em nós de um órgão da linguagem:

É como se num tempo remoto, um primata superior estivesse vagando por aí e houvesse, digamos, uma estranha chuva de raios cósmicos que causasse uma mutação aleatória e reorganizasse seu cérebro, implantando um órgão de

linguagem no cérebro que de outro modo permaneceria primata. Isso é uma ficção e não deve ser tomado ao pé da letra. Mas pode estar perto da realidade do que muitas outras fabulas contadas sobre processos evolutivos, incluindo a linguagem. (CHOMSKY, 2008, p. 19).

Existe supostamente um corpo coordenador com informações e trilhas de acesso a estas. Quais informações desse “chip” fazem parte da linguagem? Como se dá essa composição? Chomsky propõe

Vamos supor que há uma faculdade de linguagem e essa faculdade inclui ao menos um sistema cognitivo, ou seja, um sistema que armazena informações. E é preciso haver sistema que acessem essas informações: os sistemas de desempenho. Aqui surge a questão factual: em que medida os sistemas que acessam as informações armazenadas na faculdade da linguagem fazem parte dela? Isto é: em que medida os sistemas de desempenho são eles próprios dedicados à linguagem? Consideremos, por exemplo, os sistemas sensório-motores, os sistemas circulatório-perceptivos que acessam as informações a eles transmitidas pela faculdade de linguagem. Eles fazem parte da faculdade de linguagem? São eles próprios dedicados à linguagem? Isso efetivamente não se sabe. O que se supõe é que provavelmente eles são dedicados em alguma medida, e em outras não são. Mas essa é uma questão de pesquisa – de examinar mesmo no nível dos processos sensório-motores, e certamente há outros processos mais obscuros. Ao menos em alguma medida, porém, os sistemas de desempenho parecem fazer parte da faculdade de linguagem (CHOMSKY, 2008, p. 19).

Chomsky, nos diálogos com Mitsou Ronat - poeta francesa, linguista e especialista em teoria literária -, expõe a invenção das gramáticas gerativas. No fim dos anos 40, superou obstáculos teóricos colocando a sintaxe no centro da investigação linguística.

Ronat atenta para o fato de que, com a intuição da gramaticalidade, isto é, aquele julgamento imediato que nos faz aceitar ou recusar uma frase, abordamos um dado essencial, embora complexo, da gramática gerativa. A gramaticalidade inata demonstra uma rede de evidências incorporadas particularmente na teoria da gramática gerativa:

Evidencia 4: Aqueles que, tendo aprendido, tardiamente uma língua estrangeira, e que chegam, apesar de tudo, a fala-la “perfeitamente” permanecem incapazes de prodigalizar os julgamentos sutis de gramaticalidade que emitem *imediatamente* os falantes nativos, isto é, aqueles que aprenderam a língua durante a infância (CHOMSKY, 2001, p. 05).

Tais evidências atestam a existência de um saber adquirido de modo exclusivo durante a infância, isto é, de uma *organização subjacente* cujas intuições de gramaticalidade constituem o sintoma. Sobre isso, Cruz afirma, sobre a base do conceito associado à gramática ou ao entendimento da gramática gerativa interna do falante,

A gramática internalizada nasce de uma concepção gerativista da linguagem e não prescinde de uma visão interacionista do processo de aquisição e amadurecimento da linguagem. Isso significa que essa gramática tem como pressuposto um conceito de língua que se produz nas relações sociais vividas pelo falante, produzida também pelo falante que opera sobre a linguagem construindo hipóteses a respeito de seu funcionamento [...]. O objetivo da educação linguística escolar passa a ser o desenvolvimento das habilidades de ler, escrever, falar e escutar que tem como base heterógena da língua inserida em um processo ininterrupto e contínuo que se inicia na infância e institucionaliza na escola, quando o aluno entra em contato com as várias situações de uso da língua (CRUZ, 2017, p. 07).

Muitas críticas foram propagadas a esta gramática nos meios filosóficos e literários, a tal ponto de ela ser tratada como dogma

Nem é necessário dizer que tudo, em gramática gerativa, se opõe a tais asserções. Longe de ser um sujeito, o pensamento teórico é necessário para a “liberação”; ele tem por tarefa apreender, progressivamente, os fragmentos de uma verdade que julga *objetiva*, e sua progressão está ligada à *história*. Em gramática gerativa a atividade teórica é reivindicada; ela não é dogmática. [...] Chomsky defende a acusação de dogmatismo àqueles que recusam compreender e explicar o real: de fato, para compreender o que quer que seja, o dogmatismo constitui um obstáculo. “É preciso manter o espírito aberto” a todos os preconceitos atuais contra a gramática gerativa, diz ele, pois trabalhos posteriores provavelmente mostrarão que as hipóteses hoje fundamentais são na verdade falsas: tanto melhor, acrescenta ele, isto quer dizer que teremos aprendido alguma coisa. Esta vontade de aprender é aparentemente estranha à atitude antiteórica preguiçosa: ela implica um alto grau de demagogia, e supõe conhecido tudo o que está por conhecer (CHOMSKY, 2001, p. 09)¹⁰

3.4 O instinto da linguagem de Pinker

Steve Pinker, no primeiro capítulo de *O Instinto da Linguagem*, já aponta para a habilidade da linguagem como uma espécie de telepatia, algo que pode moldar eventos nos cérebros uns dos outros com excelente precisão, modelar pensamentos ao demonstrar ideias, e ainda ter a capacidade de não esquecer tais ideias. Ele dá exemplos curiosos: lembramo-nos do acasalamento de polvos que vimos em um documentário na tevê, da marca de um sabão em pó, ou de uma discussão de casal que termina na descoberta de um filho que um dos dois não sabiam da existência, (referência ao folhetim *All my Children*, da tv americana). Nessas demonstrações percebe-se que nossa comunicação linguística se

¹⁰ Em nota o autor explica que “a atitude antiteórica aparece na maioria das vezes no momento das crises sociais e econômicas, isto é, no momento em que o pensamento crítico deveria ser mais vigilante”. (pág. 23).

torna comovente, com algo de nostálgico, de memorável, de resgate de intervalos de tempo, espaço e convivência.

O verdadeiro motivo-motor da comunicação é a língua falada, embora a escrita tenha se mostrado relevante. O autor faz uma exaltação à linguagem:

Em qualquer história natural da espécie humana, a linguagem distingue como traço pertinente. Um humano solitário é, certo, um engenheiro fantástico solucionador de problemas. Mas uma raça de Robinson Crusoes não impressionaria muito um observador extraterrestre. O que realmente comove quando se trata de nossa espécie fica mais claro na história da Torre de Babel, em que homens, falando uma única língua, chegaram tão perto de alcançar o céu que Deus sentiu-se ameaçado. Uma língua comum une os membros de uma comunidade numa rede de troca de informações extremamente poderosa. Todos podem beneficiar-se das sacadas dos gênios, dos acidentes da fortuna e da sabedoria oriunda de tentativas de erros acumulados por qualquer um, no presente ou no passado. E as pessoas podem trabalhar em equipe, coordenando seus esforços por meio de acordos negociados. Consequentemente, o Homo Sapiens é uma espécie, como a alga verde e a minhoca, que operou profundas mudanças no planeta (PINKER, 2002, p. 07).

Em sua biolinguística, Chomsky contribuiu para a introdução da ciência da linguagem no campo das ciências naturais, fazendo uma transferência do ponto de vista de referência sócio-comportamental behaviorista para a ordem de um programa incompleto e insubsistente perante o fato linguístico.

Consequentemente, Pinker viria assumir o papel de teórico da Psicologia Evolucionária, no debate sobre o tópico da evolução da linguagem num quadro compatível com o darwinismo clássico e o processo de seleção natural. Segundo Campos

Pinker relaciona inúmeras questões cruciais para a direção dos estudos sobre a aquisição da linguagem, num contexto evolutivo, entre elas, a da modularidade, a de ser propriedade única do homem, a da aprendizagem e inatismo, a da relação com o pensamento, etc. Pinker acredita que tais questões são decisivas na interface Linguística/Psicologia Evolucionária e que há muitas controvérsias sobre o tema diretamente proporcionais à importância que assumem para o futuro das áreas cognitivas [...] Parece trivial que os animais não humanos não possuam tal forma de linguagem, mas sempre há o argumento de que eles não podem ser testados sem o contexto cultural adequado. Com relação à aprendizagem, parece indiscutível que não se possa descartar nem a presença da hereditariedade, nem a do ambiente. Fortalece a primeira que todos os humanos aprendem, de forma natural, uma língua estruturalmente rica, mas nenhum animal ou planta doméstica o faz (CAMPOS, 2011, p. 13).

Sem dúvida, aqui está o cerne da questão proposta por Chomsky e Pinker, ou onde os dois convergem. Pinker defende um desenho que deve ser consistente como o processo de seleção natural dentro de um darwinismo clássico

Nesse sentido, ele crê que o mais econômico e relevante dos modelos de abordagem inclua as propriedades comunicativas e gramaticais que permitam no mundo humano e animal o tratamento descritivo e explanatório da evolução da linguagem. Seja como for, subjaz um perspectivismo de investigação nas diferentes propostas, em que o debate depende do desenho metodológico para a linguagem construído para ambos os cenários – o chomskyano, dentro da visão mais formal de um sistema cognitivo-computacional como base; e o de Pinker, num ponto de vista psicobiológico, em que a seleção natural é assumida como a teoria de opção mais genérica e de caráter mais explanatório. Também fica esclarecido que ambas as propostas trabalham nas interfaces externas e internas (CAMPOS, 2011, p. 16).

Pinker é sucinto quanto o que é humano e o que é animal no tratamento da linguagem, e mais preciso: necessita-se rever uma pesquisa nos diferentes apresentações ou pontos de vista. Como exemplo, nas construções das interfaces internas, Chomsky diverge como essência da faculdade da linguagem, via exaptação¹¹, enquanto Pinker, na gramática e comunicação na evolução em termos de um modelo adaptacionista de seleção natural, conclui o mesmo.

3.5 As críticas de Deacon

O interesse pelos estudos dos fatores da linguagem não é de hoje. Estes têm origens na tradição hindu e passa pelas escolas grega e romana, percorrendo pela Idade Média, pelo Renascimento até chegar ao século XIX (Parreira, 2017). E, nesse sentido, o que de fato vai-se buscar, é em um primeiro momento no pensamento de Terrence Deacon, na origem e natureza da linguagem, onde o mesmo compõe os conceitos de modo completo no seu *Symbolic Species*, (Espécie Simbólica), os objetivos no fenômeno mental, demonstrando exemplos, também de maneira original, dos fenômenos da consciência e intencionalidade, segundo Figueiredo (2017).

E este problema (visto por Deacon, no texto ‘Os multiníveis de seleção: o problema da origem da linguagem’, prevê este as dificuldades que a ciência tem para compreender a origem da linguagem, afirmando que esta “tem sido quase universalmente embaraçados

¹¹ **Exaptação:** Termo cunhado pelo paleontólogo *Stephen Jay Gould* para referir-se a utilização de uma estrutura ou de um traço para uma função diferente daquela que surgiu por seleção natural. A indução hipnótica foi exaptada dos rituais xamanísticos de adivinhação desde o período neolítico, como forma de contato com os deuses e a cura de doenças. **Fonte:** <https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/exapta%C3%A7%C3%A3o/5556/>

para ciência empírica. Isso porque elas são tipicamente como narrativas exemplificando certas teorias linguísticas e comprometimento filosóficos profundos em vez de esforços para entender o processo envolvido na geração deste fenômeno complexo único”. E segue o mesmo:

A razão para essa tendência não é difícil de encontrar. Há uma quase completa ausência de evidência direta no próprio processo; um órgão complexo incompreensível (o cérebro) dá suporte à capacidade de adquirir e usar linguagem; e há muitas preconcepções que fazem fortes declarações sobre a natureza da linguagem e seu papel na singularidade cognitiva humana. Essas são restrições e tendências graves (embora em pelo menos uma dessas áreas – a neurociência – tem havido um progresso considerável no desenvolvimento de ferramentas críticas e no recolhimento de evidências relevantes). Esses limites têm autorizado à aceitação de um número consideravelmente maior de especulações nesta área do que em outras. (DEACON, 2011, p. 01).

O primeiro cérebro liberado dessas limitações, por esse e outros motivos, teve seu tamanho aumentado, o que se tornou vantajoso por permitir um aumento também do poder neural e computacional do órgão. Nesse caminho o autor considera,

A segunda classe de suposições falaciosas, que lida com o que chamei de teorias da ‘balas mágica’, tem também proliferado recentemente. O aumento no número de teorias da origem da linguagem que afirmam investigar a faculdade linguística humana por uma mutação neural singular que produz um ‘órgão’ mental especializado provavelmente reflete a enorme influência da hipótese da gramática inata inicialmente difundida pelo linguista Noam Chomsky. Essa especulação sobre a predominância de um conhecimento inato versus um conhecimento adquirido sobre a estrutura da linguagem tem tudo para se tornar um dogma padrão nesse campo. Infelizmente, não só tais especulações sobre essa ‘faculdade’ estão sob suspeita, como as pistas de como estamos traduzindo os requisitos linguísticos em predição sobre um ‘órgão’ neurológico são completamente vagas. (DEACON, 2011, p. 03).

Deacon faz uma comparação em metáfora com o Rubicon – Rio da Itália - (este ficou marcado, durante o Império Romano como uma barreira militar e política. ou um conflito armado, pois Júlio Cesar o atravessou e deflagrou este), humano, afirmando que essas especulações podem se tornar “o porta-estandarte para a antiquíssima especulação filosófica sobre se há alguma ‘essência’ presente em humanos que esteja presente em outras espécies”.

Em crítica a Chomsky, Deacon não considera que a linguagem tornou-se possível nos humanos apenas porque possuímos uma faculdade linguística inata, incorporada ao cérebro humano em algum momento da pré-história hominídea - embora essa capacidade se apresente – pois se assim fosse, então seria possível identificar essa característica crítica

diferenciada dos cérebros humanos e correlacionar sua primeira aparição com a introdução do comportamento humano moderno.

Segundo Figueiredo, quando, em 2012, Deacon publica *Incomplete Nature, how mind emerged from matter*, (natureza incompleta: como a mente emergiu da matéria), ele aprimora de modo sofisticado sua teoria da linguagem e elabora uma teoria da mente que a incorpora de forma sistêmica, e não apenas genética. Deacon sustenta ter resolvido o *hard problem* (o difícil problema) entre cérebro e mente ao naturalizar a direcionalidade epistemológica (o conhecimento) da mente subjetiva e intencional e fornecer uma explicação científica para sua emergência.

Nesse sentido, explica a mesma sobre esta teoria:

A teoria da mente de Deacon, além de combater todo tipo de dualismo, tece uma crítica à concepção de mente enquanto modelo algorítmico sofisticado, e diz ter posto no ostracismo uma corrente de pesquisa reconhecida, segundo ele, como materialista eliminativista. Materialismo porque busca modelos mentais com base nos sistemas neurofisiológicos e processamentos cerebrais, e eliminativista justamente porque insiste em eliminar qualquer alusão a uma teleologia de procedência duvidosa. (FIGUEIREDO, 2017, p. 11).

Nesse sentido Deacon, ao defender uma teleologia naturalizada, - com finalidades - afirma que, enquanto nossos artefatos eletrônicos não conseguirem propiciar a emergência das teleodinâmicas – dinâmicas com/para estes fins - apropriadas, o que será possível assim que dominarmos como a produção hierárquica de restrições realiza essa tarefa, a produção de intencionalidade e inteligência racional da mente não terá sucesso.

Mas o que interessa aqui é a crítica de Deacon à teoria linguística de Chomsky, a que ele se refere, no seu quadro síntese, como ‘uma das visões mais influentes sobre o conhecimento gramatical, que o concebe como inato, ou seja, construído antes da experiência linguística, como um programa de computador (representado como um chip inserido no cérebro)’. Para Deacon a linguagem é sistêmica, não podendo ser reduzi às informações fixas e de alteração lenta da genética. A linguagem está sempre em sucessiva atualização, e foi habilmente adaptada pela evolução para realizar uma espécie de transmissão de informações mais diligente que alcançasse uma harmonização com mais velocidade e eficácia.

Deacon argumenta contra essa concepção de que, de alguma forma, a linguagem teria sido incorporada geneticamente ou se tornando inata como os instintos

O modelo da linguagem mental, a visão inatista extrema do conhecimento da linguagem, a concebe como um reflexo externo de uma linguagem interna do cérebro chamada “mentalês”. Nas palavras de Steve Pinker, ‘conhecer uma língua, então, é saber como traduzir cada sequência de palavras em mentalês e vice-versa. Pessoas sem linguagem ainda teriam o mentalês, e bebês e animais não-humanos presumivelmente teriam um dialeto simples. Sem dúvida, se bebês não tivessem o mentalês para traduzir **de** e **para** o inglês, não estaria claro como poderiam aprender inglês, ou mesmo o que significaria aprender inglês. (FIGUEIREDO, 2017, 19, *apud* DEACON, 1997).

O maior representante desta concepção e também alvo das críticas por parte de Deacon é J. Fodor¹². Para ele, nenhuma dessas visões apresenta uma explicação satisfatória para o paradoxo da linguagem que ele explora em sua teoria.

Para Chomsky e sua gramática universal, a atividade do linguista é descrever a competência do falante. Com esse foco, o mesmo considera que a língua é um conjunto infinito de frases e que se define não só por estas já existentes, mas também pelas possíveis, ou aquelas que se podem criar a partir da interiorização das regras da língua, tornando os falantes aptos a produzir frases que até mesmo nunca foram ouvidas por ele.

Isso significa que, para ele, o termo gramática é usado de forma dupla: é o sistema de regras possuído pelo falante e, ao mesmo tempo, é o artefato que o linguista constrói para caracterizar esse sistema. Assim, a gramática é ao mesmo tempo, um modelo psicológico da atividade do falante e uma máquina de produzir frases.

A teoria chomskyana conduz ao universalismo, pois o que está em questão é o “falante ideal”, e não locutores reais do uso concreto da linguagem. A capacidade para desenvolver a linguagem é uma habilidade inata do ser humano: já nascemos com ela. E como a espécie humana é caracterizada pela racionalidade, a questão fundamental para essa linha de estudo é a relação entre linguagem e pensamento. Seus estudos se centralizam no percurso psíquico da

¹² **J. Fodor.** Jerry Alan Fodor era um filósofo americano, além de psicolinguista, cientista e professor universitário, tornando-se professor de filosofia. Ele nasceu em 22 de abril de 1935 em Nova York e morreu em 29 de novembro de 2017 também em Nova York, aos 82 anos. Um destaque de Jerry Fodor foi sua relação com o funcionalismo; Fodor é considerado um dos pais do funcionalismo em psicologia. Essa corrente filosófica postula que a vida e o comportamento mentais têm o propósito fundamental de nos permitir nos adaptar ao ambiente. Além disso, considera que os processos mentais estão mediando funções entre entradas sensoriais e saídas motoras. Por outro lado, o funcionalismo permitiu o desenvolvimento de outras teorias e correntes psicológicas. **Fonte:** <https://maestrovirtuale.com/jerry-fodor-biografia-e-obra-deste-filosofo-americano/>

linguagem como e, em consequência disso, no domínio da razão. (ARAÚJO, 2018, p. 18).

Seguindo essa ideia, a reflexão de Chomsky acaba por trazer para a linguística toda uma contribuição de estudos nas áreas da Lógica e da Matemática e, por outro lado, apresenta uma nova abordagem até então inexplorada; estudos sobre os fundamentos biológicos da linguagem (característica da espécie humana). Portanto, percebemos que Chomsky e Deacon compartilham uma concepção naturalista, evolucionista e emergente d linguagem humana, Suas diferenças podem mesmo ser enquadradas num quadro teórico mais de colaboração do que de refutação.

A teoria da gramática de Chomsky é,, sem duvida mais dinâmica e influente; e nenhum linguista que deseje manter-se a par dos progressos atuais no seu campo de atividade pode permitir-se ignorar as opiniões teóricas de Chomsky. Assim, Lyons destaca que o termo que Chomsky habitualmente emprega é gerar, e é este o termo que temos vindo usar. Mas, neste contexto, o que significa exatamente a palavra “gerar”?

Já vimos que uma gramática *gerativa* é que “projeta” qualquer serie dada de períodos sobre a serie mais larga, e possivelmente infinita, de períodos que constituem a língua ser descrita, e que é esta a propriedade da gramática o que reflete o aspecto criativo da linguagem humana. Mas, para Chomsky, gerativo tem um segundo sentido, igualmente importante. (LYONS, 1972, p. 53).

Aqui vale uma explicação mais detalhada, na citação abaixo, desse conceito da gramática gerativa: Esse segundo sentido, em que gerativo pode ser glosado como explicito, implica que as regras da gramática e as condições em que elas operam podem ser especificadas com melhor precisão.

A melhor ilustração do que, neste sentido, se entende por “gerativo” consegue-se talvez por meio de uma analogia matemática (de fato, o uso por Chomsky do termo “gerar” não deriva da sua utilização matemática). Considere-se a seguinte expressão algébrica, ou função: $2x + 3y - z$. Dado que as variáveis x , y e z podem cada uma tomar como valor um dos números inteiros, a expressão gerará (em termos das operações aritméticas usuais) uma série infinita de valores resultantes. Por exemplo, com $x = 3$, $y = 2$ e $z = 5$, o resultado é 7; com $x = 1$, $y = 3$ e $z = 21$, o resultado é -10 ; e assim por diante. Deste modo, podemos dizer que 7, -10 , etc., pertencem à série de valores gerados pela função em causa. Se outra pessoa aplica as regras da aritmética e obtém um resultado diferente, dizemos que cometeu um erro. Não dizemos que as regras são indeterminadas e dão lugar a dúvidas quanto ao modo de as aplicar. A concepção de Chomsky das regras da gramática é semelhante. Elas devem ser especificadas com tanta precisão – o termo técnico é *formalizadas* – como o são as regras da aritmética. (LYONS, 1972, p. 53/54).

O termo *gerativo* vem da ideia de que o sistema linguístico é capaz de *gerar* um número infinito de sentenças a partir de um número finito de elementos linguísticos: e completa o autor: é a sintaxe a responsável por essa combinação infinita de tais elementos, a partir de regras ou princípios sintáticos.

Se todas as espécies de regras gramaticais fossem possíveis, sua aquisição tornar-se-ia impossível; se todas as combinações de fenômenos fossem possíveis, não haveria mais língua,

O estudo linguístico mostra, ao contrário, o quanto são limitadas as combinações sequenciais de palavras e de fonemas, e como formam elas um pequeno subconjunto do conjunto de combinações imagináveis. A linguística deve tornar explícitas as regras que limitam estas combinações. Mas a partir destes limites, obtém-se uma infinidade de formas de linguajar. (CHOMSKY, 2001, p. 70).

Se não existissem limitações excessivas sobre o tipo de conhecimentos possíveis - regras inatas -, nunca teríamos um saber de grande envergadura como a linguagem. Pela simples razão de que, sem estas limitações, poderíamos obter um número enorme de saberes possíveis, todos compatíveis com os dados da experiência, o que viria a tornar impossível o desenvolvimento destes saberes: não saberíamos qual aceitar, pessoas diferentes aceitariam saberes diferentes, sem nenhum meio de determinar qual destes sistemas é de fato correto. (CHOMSKY, 2001, p. 70).

O progresso no conhecimento destes saberes só é possível se coerções se limitarem estritamente à maneira pela qual se constroem teorias.

4 CONCLUSÃO

Crer-se não haver possibilidade de conclusão, haja vista que as teorias vão se atualizando e aparecendo novos estudos em relação aos temas. Apenas algumas

considerações dos estudos vistos pelos vários pesquisadores: influenciados pela disciplina linguística por Saussure de modo particular, teorizam sobre a língua não ser apenas uma coleção de palavras, em lista ou alinhadas, mas um sistema coerente onde tudo se une, ou onde as relações têm uma prioridade sobre os elementos.

É relevante perceber a importância do trabalho teórico desses autores, destacando-se, entre eles, o polêmico Chomsky. Fazer teorias científicas é saber que esta tem a responsabilidade de responder às demandas da sociedade. Assim a linguística e a discussão sobre a origem da linguagem, que Chomsky considera inata, relaciona-se a um compromisso com a vida social, porque procura falar a vida em nossos dias sobre o mundo como ele se apresenta e considerar as necessidades da sociedade que se referem a questões da linguagem com o intuito de melhorar a qualidade dos seus relacionamentos sociais dos indivíduos para que passem a usufruir de uma melhor qualidade de vida.

A proposta chomskyana – gerativista – funcionou como uma recusa ao modelo behaviorista de descrição da língua, que dominou a linguística na primeira metade do século XX e até hoje fundamenta estudos diversos em relação à linguagem. Apesar dos inúmeros argumentos contra ela, a filosofia e a antropologia atuais assumem que, pelo menos em parte, a linguagem é devedora da genética do *Homo sapiens*.

O pensamento de Chomsky sempre almejou esteve provar que o indivíduo já nasce impregnado de estruturas mentais que dão sustentação à competência para o desempenho linguístico. A genialidade de seu trabalho é a autonomia e longevidade da sintaxe gerativa. Ele consegue dar conta dos fenômenos sintáticos sem fazer uso de outras teorias, porque tem em sua própria teoria elementos para isso. Para Chomsky, competência é o conhecimento que o falante tem da gramática, e desempenho é o uso que ele faz desse conhecimento. Então ele propõe que a língua seja vista como um objeto mental.

Muitos detalhes que se espera encontrar da linguagem não serão mapeados de maneira simples e óbvia para o cérebro. Portanto, o tipo de distinção cognitiva que se pode esperar na linguagem provavelmente não terá uma correspondência fácil e simples nas mudanças funcionais e estruturais do cérebro.

Procuramos identificar, na fala de crianças ainda em aprendizado de uma língua, elementos da gramática inata e ao menos pudemos constatar que a criança é criativa em a

suas próprias falas, e as constrói a partir de recortes e reorganizações de palavras que já escutou. Ela de alguma forma arruma as palavras que vai usar de um jeito que se faça entender, o que significa obedecer a uma sintaxe.

Então, assim como, teoricamente, a linguagem inata de Chomsky tem permanecido viva nos debates atuais, na prática também podemos perceber elementos destacados por sua teoria, como a criatividade e o ineditismo no uso de frases. De alguma forma a criança usa uma sintaxe para se fazer entender, embora não saibamos onde e quando ela aprende tais regras,

Sendo assim, nossa hipótese se confirma, e podemos afirmar que a teoria da linguagem de Chomsky mantém sua atualidade.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ana Paula de. **Gramática gerativa**. 2018. Disponível em: <https://www.infoescola.com/> Acesso em: 10/09/2019.

AUGUSTO, Marina R. A. **Teoria gerativa e aquisição da linguagem**. Revista Sitientibus, Feira de Santana, n. 13, jul/dez. 1995.

BRANDÃO, Lucas. **As ideias, visões e crenças de Noam Chomsky**. 2019. Disponível em: <https://www.comunidadeculturaearte.com/as-ideias-visoes-e-crencas-de-noam-chomsky/> Acesso em: 10/09/2019

CAMPOS, Jorge. **O instinto da linguagem: (um best-seller na neurociência)**. 2011. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/resnhas/5resenha_instinto_da_linguagem.pdf Acesso em: 11/09/2019.

CHOMSKY, Noam. **Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente**. SP, Edusc (2002),

_____. **Arquitetura da linguagem**. Bauru, SP: Edusc, 2008.

_____. **Diálogos com Mitsou Ronat**. 6ª Edição São Paulo: Cultrix, 2001.

_____. **O programa minimalista**. Caminho Coleção Universitária, série linguística. 1999.

_____. **Aspectos da teoria da sintaxe**. 2ª edição. Coimbra, Portugal. Armenio Amado Editor, 1965.

CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A.; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CRUZ, Ronald Taveira da. **A gramática gerativa na escola: o pensar linguisticamente**. Work. Pap. Linguística. Vol. 18, n.º 02. Florianópolis SC, Ago/Dez. 2017.

DEACON, T. **Beyond Symbolic Species**. Versão digital cedida pelo autor, disponível em www.filosofiadainformacao.com.br, 2011.

_____, T. **Os multiníveis de seleção: o problema da origem da linguagem**. 1997. Disponível em: <http://www.filosofiadainformacao.com.br/os-multiniveis-de-selecao-o-problema-da-origem-da-linguagem> Acesso em: 02/10/2019.

KENEDY, Eduardo. **Sintaxe gerativa**. 2016. Disponível em: <http://www.gepex.org/eduardo/wp-content/uploads/2016/03/gerativa2015.pdf> Acesso em 10/09/2019.

FIGUEIREDO, Suely Mara Ribeiro. **Linguagem e Mente em Terrence Deacon**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Florianópolis, SC, 2017.

FRAZÃO, Dilva. **Noam Chomsky**. 2018. Disponível em: https://www.ebiografia.com/noam_chomsky/ Acesso em 02/10/2019.

LYONS, John. **O que é a linguagem? Introdução ao pensamento de Noam Chomsky**. Editorial Estampa. Lisboa. 1972.

MATEUS, M. H.; VILLALVA, A. **O essencial sobre linguística**. Ed. Caminhos, Lisboa. 2006.

NUNES, Ana Leticia de M; GALVAO, Olavo de Faria. **A espécie simbólica: a co-evolução da linguagem e do cérebro – impressões gerais**. Temas em Psicologia, Ribeirão Preto, vol. 14, nº 1, 2006.

PACIEVITCH, Thaís. **Noam Chomsky**. 2019. Disponível em: <https://www.infoescola.com/biografias/noam-chomsky/> Acesso em: 02/10/2019.

PARREIRA, Miriam S. **A importância do pensamento de Saussure e da teoria de Chomsky**. Domínios da lingu@agem, v. 11 n. 3. Universidade Federal de Uberlândia. 2017.

PINKER, Steven. **O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem**. Tradução Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes. 2002.

STELLA, Jorge Bertolaso. **A Gramática de Panini**. Disponível em: <file:///C:/Users/PePe/Downloads/19908-71037-1-PB.pdf> Acesso em: 03/10/2019